



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'A Vida no Céu', de José Eduardo Agualusa]

Pierrette e Gérard Chalendar

Para citar este documento / To cite this document:

Pierrette e Gérard Chalendar, "[Recensão crítica a 'A Vida no Céu', de José Eduardo Agualusa]", *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 280-283.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

no âmbito de uma prática que diríamos interseccionista, com outras vozes, sejam elas as das cantigas de amigo num texto sintomaticamente intitulado «Alba», ou as de *Alice no País das Maravilhas*, em «Sentido». Mas onde mais sensível se torna a autoconsciência literária da narradora é nas passagens em que a metalinguagem do discurso crítico e teórico se destaca no tecido textual, com referências a «planos narrativos» e às «relações profundas» que entre eles se estabelecem (23), a «estrutura dramática» e a «um sonho dentro de um sonho, ou um sonho no segundo grau» (45), ao «dramático» como uma das *formas naturais* distinguidas por Goethe (43), ou ao conceito de «índice» cunhado por Roland Barthes (*ibid.*), remetendo inclusive, neste caso, para o número da publicação («*Communications*, 8») onde o texto de Barthes veio a lume.

Fernando J. B. Martinho

LITERATURA ANGOLANA

FICÇÃO

José Eduardo Agualusa

A VIDA NO CÉU

Lisboa, Quetzal / 2013

Num breve posfácio, Agualusa apresenta a sua narrativa como «um divertido exercício de imaginação» (185). De facto, a obra afasta-se dos cânones do romance dito «realista», no sentido em que as personagens não evoluem num quadro histórico e geográfico bem determinado, nem surgem em situações emocionais (ligações amorosas, conflitos de interesses, tensões familiares, posicionamentos em relação a contextos políticos precisos — descolonização, guerra, etc.) desenvolvidas por meio de cenas minuciosamente descritas,

em conformidade com as leis do género. Estamos perante uma história de aventuras onde a ação — no caso, as andanças do herói, Carlos Benjamin Tucano — prima sobre a psicologia. Partindo à procura do pai, Carlos regista escrupulosamente as diferentes etapas do seu périplo, os seus encontros, os estratagemas que concebe com os amigos Aimée e o irmão desta Alain, Mang e Sibongile, de modo a frustrar os ardis e a malevolência de Boniface e seus acólitos, bandidos («piratas») que aterrorizam a região e até uma população urbana inteira. A narrativa poderia ter desembocado num romance de aprendizagem — as dificuldades com que o jovem Carlos (tem dezasseis anos) se confronta constituiriam uma série de provas iniciáticas que lhe permitiriam entrar na esfera dos homens e abandonar o mundo da infância —, mas o texto envereda por um caminho diferente. Unidos na sua inteligência, intuição e determinação, Carlos e os amigos propõem-se encontrar o pai do primeiro, desaparecido após uma tempestade, juntamente com a «ilha verde» onde se encontrava.

«Depois que o mundo acabou fomos para o céu» (15). Este início estabelece o quadro espacial da história. As peripécias que constituem a matéria deste livro são, pois, posteriores ao dilúvio universal que destruiu o mundo natural, com os mares e os oceanos a cobrirem toda a superfície da terra, onde a temperatura se tornou intollerável. Estes elementos permitem encetar a história narrada: tornada problemática a vida na terra, fabricaram-se «centenas de enormes dirigíveis» (*ibid.*) que apresentam os nomes das grandes metrópoles do passado (Xangai, Nova Iorque, São Paulo, Tóquio), onde as personagens redescobrirão a cada momento como era a vida terrestre antediluviana.

O autor está bem ciente da sua opção, já que não deixa de advertir o leitor de que

está perante um «romance para jovens e outros sonhadores» (7). A obra situa-se, pois, no campo da literatura juvenil, apresentando as propriedades essenciais do género: da juventude das personagens (Carlos, Aimée e o seu irmão Alain) deriva o entusiasmo com que perseguem o objetivo traçado, e isto num universo humano e natural extremamente hostil. Reconhecemos aqui as características distintas dos romances de Henri Vernes, cujo herói, Bob Morane, afronta e vence todos os perigos, de *Robinson Crusóe* ou de *Sexta-Feira ou os Limbos do Pacífico*, de Michel Tournier. Fiel ao género literário que elege, Agualusa cultiva mistérios e sobressaltos, sujeitando as suas personagens a golpes de teatro de que acabam sempre por sair triunfantes, graças a qualidades pouco comuns que fazem deles seres excepcionais, pelo menos na nossa cultura ocidental. Assim, Sibongile logra encontrar a ilha verde e o pai de Carlos graças à iniciação como *sangoma* que recebeu, ainda adolescente, em Durban — «aprendeu a interpretar sonhos, a diagnosticar doenças no jogo dos ossos, a lançar encantamentos» (99). A sua capacidade de ler o futuro nos sonhos revelar-se-á crucial: «um sonho não nos dá certezas — acrescenta [...] mas pode indicar-nos pistas» (131). É graças às suas próprias visões oníricas que Sibongile se mostra capaz de descobrir o caminho para a ilha verde e de ultrapassar todos os perigos.

A oniromancia não é um recurso cómodo a que um romancista possa lançar mão para solucionar os problemas inerentes à progressão de uma narrativa. Por outro lado, a arte da interpretação dos sonhos — «antiga crença que remonta aos tempos heróicos», como escreve Cícero¹ — não é de modo nenhum uma prática obsoleta. Ainda hoje, há *sangomas* (ou xamãs) em atividade na zona do mercado Faraday Muti, em Joanesburgo, ou nas redondezas

de Ficksburg (na província de Free State), seja para acudir a uma série de moléstias psíquicas ou somáticas com decoções e infusões de ervas silvestres locais, seja para predizer o futuro a partir da disposição espacial de ossos lançados de acordo com um ritual extremamente rigoroso. Isto para dizer que a história de Agualusa (à semelhança do que se verifica, em maior ou menor grau, em todos os textos relevantes da literatura juvenil) não está desligada das realidades do nosso tempo. Além do mais, o autor faz questão de ancorar a diegese no presente, com diversas referências à comunicação via Internet: os passageiros dos diferentes balões recorrem às redes sociais (33) para entrarem em contacto uns com os outros; Sibongile obtém informações sobre Jacarta consultando a Skypedia, belo neologismo inspirado na Wikipedia e que apresenta uma função similar, se bem que mais restrita, já que o *site* é um «dicionário exaustivo de aldeias, grandes cidades (dirigíveis), balões-empresa, balões-pesqueiros» (70); este banco de dados é igualmente utilizado por Carlos (89) com o mesmo intuito. E, anteriormente, Alain, o irmão de Aimée, «montou aquela pequena operação a partir do exterior, com um bando de *hackers*, as Brigadas de Assange» (72).

Agualusa pretende abordar diretamente determinados problemas sociais como a questão dos «clandestinos», que se encontram no cerne da temática romanescas que aqui nos ocupa. De facto, o próprio pai de Carlos é um excluído da sociedade humana que se salvou do dilúvio e vive legitimamente nos balões. Os outros clandestinos, que aí se introduzem à força para escapar às terríveis condições de vida que prevalecem na superfície do planeta, são fora da lei, «perseguidos e expulsos» (19), oriundos «de lugar nenhum» (23); não possuem identidade individual, não têm raízes em parte alguma (não ousamos

dizer em terra nenhuma) e estão «dispostos a aceitar qualquer trabalho» (24). A dureza da sua vida material dá azo a um comportamento violento de que são vítimas não apenas os mais jovens (um cozinheiro chicoteia uma ajudante de cozinha de treze anos; *ibid.*), como também a população abastada (alguns habitantes de Paris são aterrorizados e mantidos reféns por bandos armados). Semelhante conduta sugeriria que eles procuram usufruir de um bem-estar material idêntico ao das classes privilegiadas. Na verdade, tal não é o caso.

É certo que, para os privilegiados, o pão quotidiano está assegurado e «podem esperar, a cada dia, uma refeição diferente» (49). Mas, em si mesmos, os ricos são «vazios e estéreis quanto um mar sem peixes» (*ibid.*). A prova é dada pelas ocasiões festivas tais como eles as vivem: «uma melancolia ruidosa e um sentimento geral de exaustão e cepticismo» (*ibid.*) emanam dos gigantescos divertimentos coletivos organizados na capital — já que, não obstante as aparências, se vive nas cidades uma existência artificial, depois de as calamidades climáticas terem devastado os recursos do meio natural: Carlos confessa não saber o que são cerejas nem conhecer a felicidade de nadar livremente numa piscina (19), e é precisamente este tipo de verdadeiras riquezas que a ilha verde possui. Pois é aqui que podemos saborear «o cheiro das goiabas maduras. O cheiro da ginguba torrada. O cheiro da terra depois da chuva. O cheiro do café saindo da máquina. Etc., etc.» (132). O contacto com a terra revigora todos aqueles que têm a imensa alegria de experimentar «um alvoroço de aromas inéditos» (161) e de sentir «uma força regeneradora» (162) perante a vida buliçosa da vegetação selvagem da ilha. Agualusa recupera aqui um *topos* desenvolvido por diversos autores ocidentais (Rousseau,

Giono, Marcel Pagnol, Ramuz, Thoreau, D. H. Lawrence na cena dos amantes sob a chuva em *O Amante de Lady Chatterley*, etc.), para os quais a relação profunda do eu com a Natureza constitui um elemento de importância primordial. Deste modo, o homem pode proteger-se das fraturas causadas por um modo de vida dominado pela tecnologia e pelos modelos comportamentais que a mesma induz, abrindo-se a um território emotivo e sensorial que lhe proporciona um sentimento de pertença a um grande Todo, graças ao qual adquire sentido, valor e a capacidade de romper com a solidão.

E eis a primeira lição a tirar desta história (que se reveste de uma clara intenção pedagógica). O dilúvio descrito não é senão a metáfora de um desastre bem real que se encontra em curso desde há alguns decénios e ao qual se chama vulgarmente «aquecimento global», um fenómeno que provoca a subida do nível do mar, bem como da temperatura à superfície do globo: «seu mundo [o de Sibongile, que escapou ao desastre ecológico] perdeu o chão» (99). A antevisão romanesca — a vida artificial nos balões que flutuam através das nuvens — poderá ser a sorte comum de uma humanidade desumanizada que perdeu a ligação com a Natureza e que atropela as normas fundamentais de qualquer organização comunitária.

Os descontentes bem podem sonhar com um mundo onde as novas tecnologias não reduzam o indivíduo a um simples consumidor, onde os seres humanos possam ainda fazer uso dos cinco sentidos como órgãos de conhecimento do meio que os rodeia. Porém, a ilha verde está longe de ser o paradigma da felicidade de existir; nela, de facto, a Natureza não se mostra assim tão clemente: logo que desembarcam, os recém-chegados (Carlos, o seu pai Júlio, o seu primo Luan e alguns amigos) constatam que a República da

Neblina (o nome dado à ilha pelos seus habitantes) está infestada por serpentes venenosas e pela malária (182). Mais à frente, o narrador afirma: «encontrei, como no céu, pessoas infetadas pela inveja, pelo ciúme, pelo rancor, e por tantas outras doenças que, desde sempre, afligem a humanidade» (*ibid.*). Eis, pois, o desengano de qualquer aspiração a uma ordem social ideal. Tal não significa, contudo, que devamos resignar-nos a aceitar as coisas tal como são. É sempre possível limitar os danos causados pelos avanços tecnológicos e pelas condutas coletivas ou individuais que lhes estão associadas — os nativos fazem questão de preservar os recursos florestais da ilha e de controlar as vagas de visitantes desejosos de aí se estabelecerem. No fim deste périplo imaginário, o herói abandona qualquer esperança de encontrar um mundo perfeito, ainda que não se arrependa de ter tentado. Se por um lado é inútil esperar descobrir uma sociedade humana onde estejam ausentes as manifestações do Mal, por outro não podemos negar a positividade da viagem entendida como um *continuum* de intercâmbios prolongados com os outros — intercâmbios que moldam os juízos e os modos de ver o mundo e as outras culturas, ajudando a construir a verdadeira identidade daqueles que entram em contacto com comunidades que não as suas. Uma identidade complexa, essencialmente incompleta, mas que é a marca distintiva dos vivos, já que «só os mortos, os que deixaram de viajar, possuem uma *identidade* bem definida» (87).

Pierrette e Gérard Chalendar

[Trad. Rui Pires Cabral]

NOTAS

¹ Cícero, *De la divination*, apud R. Flacelière, *Devins et oracles grecs*, 3.^a ed., Paris, PUF, 1972, p. 7.

LITERATURA BRASILEIRA

VÁRIA

Jorge Fernandes da Silveira

O COMEDOR DE SALAMANCA

Rio de Janeiro, Oficina Raquel / 2012

O livro tem como subtítulo «Memória Breve» e estabelece uma cronologia «2012 fevereiro março abril maio junho julho». Ao lado de textos cujo caráter é sobretudo diarístico, encontram-se outros procedentes, em sua maioria, de revistas e jornais espanhóis, matéria textual literalmente recortada para dentro do livro. Por falar nesse caráter diarístico, o leitor encontra logo nas primeiras páginas a razão do subtítulo: «A verdade é que é raro um frio tão gelado como este, das últimas três semanas. As primeiras nesta temporada. É a quinta. E, em dez anos de ensino em Salamanca (2002, 2004, 2007, 2009, 2012), já me sinto um pouco salmantino» (18). A razão inicial é o que se desenha em primeiro plano: o registro sequencial desses meses em que Jorge Fernandes da Silveira desempenha o cargo de professor visitante na Universidade de Salamanca.

Noutro plano, o que se desenha não é apenas isso: «Creio que volto a ensinar em Salamanca para reaprender a andar com os meus próprios pés e pernas. E penas» (21). Talvez o que o autor encontre, ao montar este misto de diário e álbum de recortes, seja algo análogo ao que Montaigne também encontrou nos ensaios: «Não fiz meu livro mais do que meu livro me fez.»¹ Jorge compõe um diário feito por textos de outros: além dos recortados da imprensa espanhola, há ainda a presença de trechos de escritores caros ao autor, entre eles, Lorca, Fiama e Camões.

Certa vez, João Cabral de Melo Neto escreveu em um poema: «Quis falar de coisas. / Mas na seleção dessas coisas / não